

LUIS TAJES



MILTON NASCIMENTO

Os antigos sucessos foram os que mais mexeram com o público

Milton junta 10 mil no ginásio

□ Num show de momentos inesquecíveis, Milton Nascimento reafirma o compromisso com a causa indígena e prova que músicas como *Travessia* e *Canção da América* são clássicos da MPB

Irlam Rocha Lima

Não podia ser mais feliz a Basf ao criar um projeto musical e convidar para apresentar espetáculos por algumas capitais, três talentos da Música Popular Brasileira: os consagrados Milton Nascimento e Paulo Moura e a jovem Clara Sandroni. Os três foram responsáveis por momentos inesquecíveis no belo show que, depois de estrear no Canecão, Rio de Janeiro, foi visto sábado último pelo brasileiro, no ginásio de esportes Nilson Nelson, e agora segue para Porto Alegre e São Paulo.

O público que esteve no ginásio poderia ter sido maior, mas a esta altura do campeonato, com a crise que anda por aí, reunir dez mil pessoas num show, com cobrança de ingresso, já é um feito digno de registro.

A platéia, embora b m comportada, deu sinais de insatisfação com o atraso de meia hora para o início do concerto. Mas, a ameaça de vaia que se esboçava, transformou-se em aplausos calorosos, quando Clara Sandroni, surgiu em cena, acompanhada pelos violonistas Alfredo Machado e Henrique Visowski. Figura de aparência frágil e suave, Clara, no entanto, possui uma voz poderosa, aguda. Agradou bastante interpretando *Clube da Esquina* (Milton Nascimento, *Guardanapos de Papel*, adaptação do seu irmão Carlos Sandroni, e *Superhomen*, *A Canção*, de Gilberto Gil. É possível que depois dessa rápida turnê com Milton e Paulo Moura, a mídia passe a prestar mais atenção nessa excelente cantora, que nada fica a dever às badaladas estrelas da nossa música.

Vibração — Toda a vibração que já se observava, cresceu de intensidade com a entrada de Milton. Sozi-

nho, ao violão, cantou *River Phoenix*, a canção feita em homenagem a um jovem ator americano, que viu atuar no filme *Jules et Jim*. Em seguida, convocou ao palco, Túlio Mourão (teclados), João Batista (baixo), Robertinho Silva (bateria), Ronaldo e Vanderlei Silva (percussão), músicos de sua banda, e o outro convidado, o saxofonista/clarinetista Paulo Moura elegante no seu ternão branco de linho e gravatinha borboleta vermelha com bolinhas brancas. O virtuosismo desse maravilhoso instrumentista pôde ser apreciado, então, em aplaudidíssimos solos.

Nos telões instalados ao alto, nas laterais do palco, apareceu a imagem de Paulinho Paiakan, o guerreiro da Nação Kaiapó, que liderou o encontro de Altamira. Sob os olhares de três atentos espectadores, Marcos Terena, David Yanomani e Aritana Yalapiti, Paiakan fez um manifesto em que conclamava as pessoas a se unirem em defesa da causa indígena e da ecologia. Engajado nessa luta, Milton, apropriadamente, interpretou a emblemática *Planeta Blue* e *Canoa, Canoas*, que evoca os índios Avacanoeiros.

Atual — Um pouco lento até então, o show ganhou uma maior pulsação a partir do momento em que o repertório passou a incluir antigos sucessos como *Paula* e *Bebeto*, *Pontã de Areia* e a batidíssima *Coração de Estudante*, que embalou a campanha de Tancredo Neves à Presidência da República. Pela reação do público, essa criação de Milton e Fernando Brant mantém-se atual.

Deixando o palco por alguns instantes, Milton deixou a banda brilhar isoladamente, executando *A Primeira Estrela*. No retorno ele apresentou *Feito Nós*, fruto de sua mal-sucedida parceria com o ex-RPM Paulo Ricardo. Em *Cravo e Canela*, esqueceu que um dia já foi chamado de tímido, e saiu dançando pelo palco.

Sozinho, outra vez, em cena, Milton ouviu um coro uníssono e afinado cantar com ele *Canção da América* e *Travessia*. As imagens sobrepostas projetadas nos telões, juntando o cantor à platéia, eram lindas. Tudo era festa, quando reunidos no palco, Milton Nascimento, Paulo Moura, Clara Sandroni e banda interpretam *Maria Maria*, marcando o encerramento do espetáculo.